



Dois olhares sobre a mesma realidade: a religião na produção narrativa dinisiana

PALAVRAS-CHAVE: Júlio Dinis, padre, produção narrativa.

KEYWORDS: Júlio Dinis, priest, narrative production.

Joaquim Guilherme Gomes Coelho (Porto, 1839-1871) experimentou a produção literária em vários géneros literários, desde a poesia, ao drama, tendo composto sobretudo contos e romances. A multiplicidade de temáticas, abrangidas no seio da sua produção literária, integra áreas tão vastas como sejam a literatura, a política, a história, a cultura e a educação (Stern, 1972:153).

Júlio Dinis, pseudónimo de Joaquim Guilherme Gomes Coelho, preocupado como estava com a realidade social e humana, não deixou de lançar, na sua produção narrativa, um olhar particular sobre a religião (Stern, 1972:114-121) que, em muitos casos, adquire um significado social, ainda que não tenha por este meio instaurado uma cisão com o Romantismo. Admitindo precisamente a coexistência de aspetos românticos e realistas, Maria Lúcia Lepecki (1979:20; 35) salienta, entre os primeiros, o vincado antagonismo entre temperamentos e caracteres das personagens. Não deve, no entanto, separar-se essa oposição da missão didática e pedagógica que Júlio Dinis associava ao "livro instrumento"¹.

Neste âmbito, será pertinente avaliar as personagens que consubstanciam esta temática, algumas das quais ganham contornos de personagens-tipo, ao perderem a sua identidade própria e ao revestirem-se de um significado mais abrangente. Assim, interessam tanto as personagens que cultivavam a religião e deveriam figurar como paradigmas da prática religiosa, quanto as que se afastam deste tipo, sem, no entanto, deixarem de ter um papel determinante.

¹ Cf. "Ideias Que me Ocorrem" (*Serões da Província*: 124-125). As obras que serão referenciadas devem-se à publicação da Livraria Civilização e datam de 1999, exceção feita para *Serões da Província*, cuja publicação se efetuou em 1980.

Concretizando esta ideia, é sintomática, na verdade, a existência na obra dinisiana de duas posições diametralmente opostas, no que concerne à maneira de ser e estar na religião cristã. Há, efetivamente, nas suas obras, duas formas distintas de entender o cristianismo. De um lado, apresenta-se a vivência da caridade e da solidariedade, como condição para trazer a felicidade ao homem, enquanto indivíduo, por meio do amor, que será benéfico a título individual, mas que se traduzirá no bem-estar da comunidade. Do lado oposto, surge a vivência religiosa deturpada quer pela credence fanática, quer pelos temores supersticiosos, que pautam as práticas religiosas e lhes conferem uma aura mística que em nada as abona. No topo da hierarquia eclesiástica aparecem dois tipos de sacerdotes que representam estas posições distintas. De forma semelhante, entre os praticantes se verifica a mesma divisão, em consequência da vivência religiosa de cada uma das fações.

A visão daqueles que, com menos responsabilidades na hierarquia eclesiástica, são os destinatários das missivas ideológicas, éticas e morais é, pois, igualmente fundamental. Neste grupo incluem-se os que sofrem as consequências da vivência religiosa deturpada, chegando, nalguns casos, ao extremo do sacrifício da própria vida, e os outros que se entregam ao fanatismo religioso, fazendo perigar os seus lares. Contrariamente, surgem exemplos de cristãos retos que vivem de forma adequada a sua religiosidade.

Em síntese, conceber-se-á a existência de dois grandes blocos: no primeiro caso, as personagens que se destacam são modelares e, no segundo, evidenciam-se as que constituem o seu contraponto; as primeiras associam-se ao "bem" e as segundas ao "mal".

1. A tradição literária nacional

Atente-se no mais alto responsável da Igreja Católica na comunidade aldeã a que preside. A figura do pároco que aparece em obras² como no conto "Os Novelos da Tia Filomela" (1863), e os romances *A Morgadinha dos Canaviais* (1868) e *As Pupilas do Senhor Reitor* (1867), fazia parte da tradição literária, cuja génese se vincula a Alexandre Herculano e a Rodrigo Paganino, já para não mencionar o tributo devido às criações de Goldsmith e Balzac, por exemplo (Stern, 1972:145-146).

A afirmação de Vasco Fernandes, tendente a enunciar uma das características do padre moderno, pode aplicar-se exemplarmente ao padre "bom" de Júlio Dinis:

Testemunhas de uma vida noutra nível de realidades transcendentas a todas as pequenezas materiais, testemunhas de um Deus vivo entre nós, que por ele se perpetua nessa preciosa convivência, testemunhas do perdão e do amor que poderá lançar a paz e a harmonia entre os mundos ameaçadores e guerreiros que semeiam ansiedades, os Padres são, no fim de contas, testemunhas do mistério ou, melhor, de um mistério que os outros homens perscrutam com olhos inquiridores, mas ignorantes. (Fernandes, 1958:22)

² Para mais informação relativa às datas de publicação em folhetins ou em volume, consultar Egas Moniz (1924).

Mas este padre não se reveste de especial originalidade, se se considerar a hipótese de Júlio Dinis se ter deixado influir pelos modelos de Rodrigo Paganino e Herculano, não burlando o modelo e conseqüentemente limitando-se à cópia servil.

Leia-se uma ou outra passagem de *Os Contos do Tio Joaquim* e evidenciar-se-ão as similitudes. Os contos que melhor permitem a criação do modelo do pároco de aldeia em *Os Contos do Tio Joaquim*, de Rodrigo Paganino, são "O romance do céptico da aldeia" e "O sexto mandamento".

O pároco surge como a pessoa íntegra, um "santo", que procura conduzir os fiéis, enquanto cristãos, para uma conduta que seja um exemplo vivo da religião que professam. Sempre que os aldeãos se desviam desse caminho, seja por se deixarem levar pela maledicência, seja por gastarem dinheiro em vinho ou jogo, ele está lá como modelo de virtude para os chamar à razão.

No primeiro conto, o pároco condena o barbeiro por maldizer um homem da aldeia que mal conhece "Calem-se lá, leva de má língua, parece-me que já é demais; estarão vocês tão limpos de consciência, para assim poderem entrar pela terra alheia, como se fosse roupa de franceses". O padre infunde respeito, tanto que ele procura conter-se diante da presença do pároco. As lições do padre deixam embaraçados os destinatários que mais não têm a fazer do que arrear caminho "Ninguém se atreveu a retrucar. Todos tinham os seus podrezitos mais ou menos, que o pároco sabia; e por isso todos meteram a viola no saco, quando lhes foi com as mãos à cara, falando-lhe nas suas culpas" (Paganino, 1900:25). O pároco vê-se ainda no exercício dos rituais religiosos como sejam a confissão, o batismo e o casamento: "(...) o pároco tratou de começar a confissão", "Eu te baptizo em nome do Padre, do Filho, e do Espírito Santo", "Logo em seguida tratou de casar aqueles dois que pela alma e pelo amor já estavam casados" (ibid.: 359). Não executa estas tarefas com ligeireza de espírito, antes partilha e conforta aqueles a quem se dirige "Descanse: a misericórdia do Senhor é infinita, e se os meus socorros lhe poderem servir, aqui estou de alma e coração, como é meu dever, para lhos administrar", "Para todo o pecado há remédio na igreja; fale e não se arreceie" (ibid.: 28). Assiste aos últimos momentos de vida de quem necessita e reza pelos defuntos "Passados momentos, o padre rezava sobre o cadáver as rezas dos defuntos, e no dia seguinte nós todos íamos com os olhos arrasados de lágrimas, conduzir à sepultura o cadáver daquele a cuja morte tínhamos assistido" (ibid.: 36).

No conto "O sexto mandamento", integrado em *Os Contos do Tio Joaquim*, de Rodrigo Paganino, aparece novamente o padre prior "modelo de virtude e um exemplo vivo de caridade cristã" (ibid.: 155). Aos seus aldeões dedica todos os seus cuidados e desvelos. Não obstante a imagem respeitosa deste padre, são-lhe reconhecidos alguns erros, entre os quais o uso dos meios a que o povo estava habituado, ressaltando-se o fito com que o faz: levar os paroquianos à prática do bem. Outro erro apontado é a leitura pouco variada que nutria a inteligência do padre, sendo, em parte, esta a responsável pela ideologia absolutista que lhe

corria nas veias. Estes ligeiríssimos defeitos são colmatados pela grandeza do coração "Mas onde não chegava a cabeça alcançava o coração, e onde não acudia a inteligência sobejava-o o sentimento" (ibid.: 157). Os cristãos reúnem-se em seu redor, num *locus amoenus* criado para o efeito, para dele ouvirem uma prédica. Todos o respeitam e veneram "Todos o escutam em religioso silêncio e a palavra sagrada recebe maior unção na boca do venerando velho" (ibid.: 160). Reza à hora das Ave – Marias em conjunto com os seus fiéis.

Para última referência guardou-se o conto da personagem principal. Na "História do narrador" sabe-se que o tio Joaquim ingressou cedo num convento destinado a ser frade, o que acontece sob a conduta de Frei João da Soledade, um frade que confessa, que pega em armas³, organizando uma guerrilha, para defender o seu convento contra os liberais "Fr. João estava profundamente impressionado. A paixão política ateava-lhe o zelo religioso, o homem do século trazia para junto dos altares as suas afeições mundanas, e das crenças fazia evangelhos" (ibid.: 216). Tem a capacidade de infundir coragem nos frades do convento para oporem resistência aos inimigos "Fr. João da Soledade assumira na comunidade a preponderância, que a inteligência forte e arrojada exerce sempre numa corporação naturalmente tímida e indecisa. A sua presença serenou por um pouco os ânimos (...) os religiosos estremeram, e pensaram em fugir cada um para seu lado, a voz de Fr. João da mais fortalecida e mais segura, tal era o poder da vontade naquela alma de ferro, alentou-os por momentos (...)" (ibid.: 219). Frei João morre no campo de batalha, atingido por uma bala. A guerrilha desfaz-se com a convenção de Évora Monte.

Este pároco vive em função das suas ovelhas. O que pauta o seu comportamento e ações é o bem-estar e a felicidade dos paroquianos. A sua vida dedica-a a velar por eles, é o seu confidente, é ainda o guia espiritual, mas também o amigo e companheiro que os instiga à resolução dos mais diversos problemas. Em suma, é o representante da autoridade moral, reconhecida por toda a comunidade.

Relativamente ao pároco de Alexandre Herculano, concebido em *O Pároco de Aldeia*, Harry Bernstein afirmou:

Alexandre Herculano made his humble priest one who broke the restraints and shackles, the rigid rule, of hierarchical control and strict practice. Herculano's village priest served his folk in his own and in their Christian ways. Herculano's priest was capable of bringing liberty and informal equality to the people if he wanted to. (Bernstein, 1983:152)

Veja-se de que modo tal se pode comprovar na obra de Herculano. O pároco desta aldeia é, no entendimento do narrador, uma espécie de "valido" (Herculano, 1969: 33) de Deus na terra. A este padre cabem tarefas como a consolação nos últimos momentos de vida do moribundo, o tributo esmolar junto dos necessitados, o aconselhamento atento aos comportamentos desviantes, a pacificação em várias frentes:

³ Recorde-se a obra *Eurico o Presbítero*, de Alexandre Herculano, em que a personagem principal se destaca, muitas vezes, no campo de batalha.

Não o imaginava nesse tempo, mas imagino agora por onde vaguearia a mente do velho clérigo, enquanto a bengala ia de um para o outro lado, cruzando linhas tortuosas e incertas. Os últimos instantes de moribundo, os quais ele tinha adoçado com as consolações da fé; a esmola tirada da escassa cônica para enxugar as lágrimas de viúvas e de órfãos; os conselhos paternais dados à mocidade, salva assim por ele de largos dias de remorsos e amarguras; os ódios convertidos em perdão entre inimigos; as dissensões domésticas pacificadas pela conciliação do pastor, todo o bem, enfim, que, por trinta ou quarenta anos, ele havia semeado na aldeia. (ibid.: 37)

As ocupações do padre passam ainda pela alimentação frugal, leitura, pouco variada, e por rituais, como o da oração:

Deixá-lo ceiar em paz e rezar o breviário. Eram estas, entre outras, duas fases graves e sérias de todos os seus dias. Depois, enquanto a velha Jerónima punha a casa em ordem, ele pegava em um livro da pequena estante que lhe ficava à cabeceira e lia ou uma lenda pia do *Flos Sanctorum* de Rosário ou um tracto daquelas grandes histórias de frei Bernardo de Brito. (ibid.: 41)

Sempre que um dos paroquianos se encontra nalguma situação que requer a sua atenção, o pároco encontra-se disponível, seja quando recrimina o comportamento inadequado do filho que deveria ajudar o pai no trabalho, em vez de se dedicar ao ócio (ibid.: 66), seja quando a altas horas da noite um moribundo reclama a sua presença consoladora (ibid.: 45). Por todo o bem que pratica o padre é venerado pela população:

Duas cousas, porém, mais que as práticas e os sermões, serviam para engrandecer e glorificar o padre prior, não só diante dos homens, mas também diante de Deus. Era a primeira o incansável zelo com que se aplicava a apaziguar as rixas, a estabelecer a concórdia doméstica, a pregar o trabalho, a guerrear a embriaguez e, sobretudo a santificar pelo casamento as afeições ilícitas; era a segunda o fervor modesto e o inocente luxo com que procurava celebrar as festas religiosas, principalmente a de S. Pantaleão, orago da freguesia (...). (ibid.: 49)

O episódio que nos conta *O Pároco de Aldeia*, de Alexandre Herculano, reporta-se aos esforços que o prior faz para casar Bernardina e Manuel Ventosa. Os progenitores ainda vivos de ambos nutrem um ódio visceral, provocado por um desentendimento cuja origem mereceria pouco crédito: três sacas desaparecidas, quando o avaro Bartolomeu, assim se chamava o pai de Manuel, pediu à lavadeira Rosa Perpétua, mãe de Bernardina, que lhe lavasse uma roupa. O padre conhecedor dos seus paroquianos sacrifica o seu pé-de-meia, setenta pesos, para pôr em prática o seu plano, que abrirá caminho ao casamento dos dois jovens. Assim entrega o dinheiro a Bartolomeu para que este faça a sua gestão e pense a quem se poderá dar como dote, pois apresenta-o como dádiva destinada àquele fim a uma rapariga pobre de um paroquiano rico da aldeia. O maior defeito de Bartolomeu – a sovinice – orientará a escolha de Manuel Ventosa, seu filho, como pretendente à rapariga eleita pelo padre para receber o dote: Bernardina. Diante deste plano, perfeitamente arquitetado pelo padre, nada podia falhar e Bernardina e Manuel casam-se com o consentimento dos progenitores. Se as armas usadas não eram as recomendadas pelos preceitos da igreja católica "O velho pároco

usava da esperteza de Satanás para fazer a obra de Deus" (ibid.: 65), o efeito é o desejado. A verdade descobre-se durante a festa de S. Pantaleão, contribuindo para que os paroquianos da aldeia admirem ainda mais o padre prior:

Quando o prior saiu da igreja os rapazes desbarretavam-se, ainda com mais sinais de cortesia e respeito do que era costume; as raparigas afagavam-no com um sorrir e volver de olhos afectuosos, que fazia cismar o bom do pároco. Todos olhavam para ele e falavam em voz baixa. O prior estava zangadíssimo.

Mas, qual foi o seu espanto ao ver chegarem-se a ele muitos velhos de cabeça branca (eram vários lavradores seus fregueses, honrados pais de família) e beijarem-lhe a mão, com os olhos arrasados de água! (ibid.: 144)

2. A vivência paradigmática da religião

Explanados os modelos a que se associa inevitavelmente a criação da personagem pároco na obra dinisiana, é agora importante que se transite para a obra referida e se averigüe até que ponto Júlio Dinis tomou em conta a tradição literária que conhecia de perto⁴.

Observe-se particularmente a figura do reitor de *As Pupilas do Senhor Reitor*. A imagem que se projeta deste pároco é a do professor (de Daniel, de Margarida):

E então, Sr. Reitor – perguntou ele um dia ao mestre – o pequeno vai bem?

– Optimamente. O Suplício para ele é já como uma água de unto. Qualquer dia passo-o para o Eutrópio, e dentro em pouco para o Cornélio. (Dinis, 1999a: 9)

Daniel fora, como sabemos, o seu primeiro mestre, e, quando outra razão não houvesse, as saudades que a vista e a leitura dos livros ainda lhe causavam, lembrando-lhe aquele tempo, levá-la-iam a procurá-los com prazer. Seguiria-se a Daniel o reitor, conforme ao que prometera ao discípulo. Vendo o padre a inclinação da sua pupila para a leitura fazia-lhe, de vez em quando, alguns presentes de livros, depois de os passar pela crítica dos seus rígidos princípios morais, e julgá-los salutares. (Dinis, 1999a: 47-48)

a do pároco preocupado com o destino dos seus fiéis (tenta preparar o futuro de Daniel, através da escolha de uma profissão em colaboração com o pai, tenta preparar o futuro de Margarida, fornecendo-lhe os meios para que esta se possa cultivar e exercer por sua vez a profissão de educadora das crianças da aldeia, apresta também o futuro de Clara, para quem determina ser o casamento com Pedro a melhor forma de o fazer):

Acaso não terás alguns centos de mil réis ao canto da caixa para pôr o rapaz nos estudos? Não podes fazer dele um lavrador? Fá-lo padre, letrado, ou médico, que não ficarás pobre com a despesa. (ibid.: 8)

⁴ Algumas cartas, incluídas em *Cartas e Esboços Literários*, remetem para o conhecimento e a apreciação consagrada às obras mencionadas. A carta dirigida ao próprio Alexandre Herculano, datada de 7 de Abril de 1867 (1967:70), é elucidativa. Lembre-se ainda a carta intitulada "A um Redactor do «Jornal do Porto»" (1967: 176-182), assinada por Diana de Avelada, sublinhando a importância da obra de Rodrigo Paganino.

a do exemplo de generosidade, de bondade (cuida dos doentes, dá esmola aos necessitados, distribui a riqueza pelos pobres),

Ao deixar José das Dornas, na tenda do seu vizinho da esquina, o reitor, apoiado na grossa bengala de cana, companheira fiel das fadigas dos anos, foi seguindo pelos caminhos pouco cómodos da sua paróquia, e entrando nas casas mais pobres, onde levava a esmola e o conforto de doutrinas evangélicas, que tão singelamente sabia pregar.

Era esta para ele tarefa habitual.

Sentava-se com familiaridade à cabeceira do jornaleiro doente, ele próprio lhe arrefecia os caldos, lhe temperava os remédios e lhos ajudava a tomar; guiava com os seus conselhos e ensinava com o exemplo os enfermeiros (...). (ibid.: 64)

Contudo o reitor era destes homens, que têm coração para se compadecer de todos os infortúnios, daqueles mesmos que a sua inteligência não compreende bem. (...)

– Era uma continha que trazia; mas uma vez que aqui a menina se responsabiliza... – Eu sou o senhorio. – Sim, porque V. S.^a bem vê que, se eu estivesse no caso de poder fazer esmolas, de boa vontade.

– Quem lhas pede? – disse asperamente o velho padre, tomando o papel das mãos do credor, que falara assim. – Para pagar aos vampiros como você, é que se pedem esmolas aos outros; aos que têm coração. Aluguer de dois meses – olhem a grande coisa! Então é o que se lhe deve? Aí tem – acrescentou contando-lhe o dinheiro. – Não repare em ir quase todo em cobre; mas é dinheiro de esmolas e poucas se realizam em prata cá na terra. (...)

– Restam cento e dez – disse o pároco, vendo o dinheiro que lhe ficara. – Chegará para os remédios? – perguntou, olhando para Margarida.

Esta fez um gesto de dúvida.

– Nesse caso, eu vou falar com o boticário, que não é mau sujeito afinal; e hei-de resolvê-lo a esperar até amanhã. (ibid.: 74-75)

a de conselheiro sempre atento aos seus fregueses (alerta Pedro para a necessidade de casar, adverte José das Dornas, relativamente ao comportamento indecoroso de Daniel, dá conselhos a Margarida para a afastar das preocupações, a advertência chega também a Clara, relativamente ao seu comportamento enquanto noiva de Pedro, pede a Margarida que vigie Clara),

– Então quer dizer que o mande para Coimbra?

– Para Coimbra?... Eu sei?... Homem, a falar verdade, semente desta em Coimbra há para dar uns frutos por aí além. Para o Porto, onde ele possa estar sob as vistas dos parentes que lá tens, vai muito melhor. Põe-mo a cirurgião. Eles, hoje, dizem que saem de lá como de Coimbra, e olha que é uma boa carreira. (ibid.: 29)

– Pedro tu andas-me por aí muito à solta! Vê lá onde vais cair.

– Ó Sr. Padre António, a gente também precisa de se divertir um bocado.

– Pois sim, mas tudo se quer em termos e que não venham depois lágrimas e os arrependimentos!

– Eu não hei-de fazer coisa que...

– Sim, sim.... Sabes o que eu te digo? O melhor, rapaz, é procurares o que te faça arranjo, e então que seja deveras. Casa-te e deixa-te de andar desnorteadado, e nessa vida airada, que não dá para o bem. (ibid.: 35-36)

– Homem; a coisa não está nos versos. O que eu digo é que Daniel tem deveres tão sagrados, entrando no seio das famílias, como nós os párocos. E se as mãos, que devem levar o remédio, espalham a peçonha, a maldição de Deus desce sobre elas. Quem abrirá as portas da alcova onde padeça uma filha, uma esposa ou uma irmã, ao médico, que não tem força para sufocar as paixões más do seu coração? Fá-lo-ias tu? Não, nem eu. Quanto mais santa é uma missão neste mundo, José, mais se rebaixa e avilta quem a aceita sem lhe ter compreendido o alcance. O mau padre é o pior dos homens; e parece-te que será muito melhor o médico imoral? Pensa nisto e dize-me se Daniel merece grandes desculpas. (ibid.: 138)

Encontrando-se, porém, a sós com Clara, pouco tempo depois, foi-lhe dizendo com diplomático ar de naturalidade, estas palavras ambíguas:

– "Escuta, ó Clarita, olha que um enxoval é uma coisa séria. Todos os cuidados e atenções são poucos, quando se está trabalhando nisso; e tu, minha filha, distrais-te algum tanto. Se eu estivesse no teu lugar, nem trabalhava à janela. É tão fácil a distracção aí!"

Clara respondeu de um modo galhofeiro, como costumava. Era-lhe difícil tomar alguma decisão a sério.

O padre procurou depois Margarida e disse-lhe:

– "Lembras-te do que te recomendei há tempos, Margarida? Não tires as vistas de Clara. É uma espionagem necessária e para bem dela; por isso não deves ter escrúpulos em fazê-la". (ibid.: 185)

a do tutelar nos momentos delicados (aparece, qual "instrumento da providência", como o denomina Maria Aparecida Santilli (1979:71), no momento em que João Semana encontra Daniel e Clara na fonte e pede explicações sobre a fuga de Clara),

– Tens boa vista, João; mas não tão boa que te não passe por alto um amigo velho.

A voz, que dissera estas palavras, parecia vir do ar.

João Semana levantou a cabeça e deu com os olhos no reitor, muito pachorrentamente estabelecido sobre o tronco de um pinheiro derrubado, no topo das escadas que desciam do outeiro. (...)

– Então vocês?...

– Conspirávamos, sim, senhor. Aqui mesmo onde nos vês, estávamos a combinar uma coisa...

– Que diabo era o que combinavam?

– Combinávamos...

(...)

Daniel interveio enfim.

– Olhe, Sr. João Semana, basta que saiba, e depois não pergunte mais nada, que estávamos preparando uma surpresa a meu irmão Pedro, para o dia do casamento dele.

O reitor franziu as sobranceiras, ao ouvir Daniel. Apesar do auxílio que ele lhe viera dar, desgostou-o a presença de espírito que mostrava, quando devia estar enleado de confusão e vergonha; foi por isso que acrescentou com evidente tom de severidade e irritação:

– Casamento que, se Deus quiser, hei-de brevemente abençoar. (Dinis, 1999a: 200)

a do apaziguador dos conflitos (apazigua Pedro, quando este sente o impulso fratricida, acalma Daniel, tentado pelo suicídio),

– Daniel, foge, foge daqui, se me não queres perder! Foge irmão! – bradava Pedro e, como que já sem consciência, contraíam-se-lhe espasmodicamente os dedos sobre o gatilho da espingarda. Daniel ia a falar-lhe ainda, quando sentiu uma mão pousar-se-lhe no ombro, e em seguida, um homem que, durante o ocorrido, se aproximara do lugar, veio interpor-se entre ele e o irmão.

– Retire-se – exclamou este homem com voz severa, voltando-se para Daniel. – Eu tinha previsto esta desgraça!

Era o reitor. (ibid.: 207)

Olhava com a vista espantada e numa espécie de fascinação o abismo, a que ficava sobranceiro, e parecia atento a uma voz interior, que o impelia ao suicídio.

O reitor parou, fixando nele o olhar perscrutador.

– Que faz aqui? – perguntou-lhe, segurando-o com força pelo braço, como se pretendesse desviá-lo do precipício.

Daniel levantou para o padre os olhos entorpecidos, e em seguida, baixando-os de novo para o fundo do despenhadeiro, respondeu com uma frieza, que fez estremecer o velho:

– Estava a fazer contas comigo mesmo; assistia ao meu julgamento.

– Ora vamos. Não seja criança. Deixe-se de loucuras. Venha-se embora. Não queira fazer a infelicidade dos mais, dos que o estimam, já que a sua lhe merece tão pouca importância. Lembre-se de seu pai, e veja lá se quer pagar-lhe assim os sacrifícios que tem feito por si. Venha comigo. (ibid.: 219)

a do guia espiritual vigilante da conduta dos seus paroquianos (conduz José das Dornas Margarida, Daniel e Clara à solução necessária: o casamento de Daniel e Margarida, mas também os homens que se perdem nas malhas do jogo, acabando até por obter deles a graça esmolar):

Daniel seguia com a vista os movimentos e gestos do padre e suspeitava que ele tinha alguma coisa a dizer-lhe.

– A moralidade – continuava este – é a primeira condição para a felicidade do homem. Como pode querer que o respeitem, o que não sabe respeitar os outros, nem respeitar-se a si próprio? (ibid.: 149)

O aparecimento do reitor causou sensação.

O primeiro movimento dos circunstantes, ao darem por ele, foi o de esconderem as cartas e o dinheiro; mas na impossibilidade de o fazer a tempo, levantaram-se e, com ar embaraçado, tiraram o chapéu e abaixaram os olhos.

– Não é o regedor, sosseguem - disse enfim o reitor ainda do limiar da porta – e pena é que o não seja, para vos meter a todos na cadeia. – E, adiantando-se na taberna, continuou: – Santa vida esta! Assim é que é ganhar o reino do céu! Sim, senhores! Aqui estão uns poucos de santos varões, que empregam bem o seu tempo! Respeitáveis e exemplares patriarcas, de quem muito se pode esperar como educadores da família! Sim, senhores! – E, mudando para um tom mais severo: – Vossas mulheres estafam-se com trabalho, para dar um pouco de pão negro aos filhos e a vós esta vida regalada, não é assim? (...) Que importa lá a miséria que vai por casa, se não

falta dinheiro para vinho e para o jogo. (...) – Chego ao meio de vós com as mãos e algibeiras vazias. Vede. O dinheiro, com que saí de casa, ficou-me por esses caminhos, algum nas casas de muitos, dos que vejo agora aqui. A esses não estou disposto a perdoar a dívida, pois vejo que não precisavam da esmola, que eu lhes dei; os outros, que têm para perder no pecado, também o hão-de ter para obra de misericórdia ou tisonada trazem já a alma, pelo fogo do inferno. Tenho ainda muitos pobres para ver, e não trago já dinheiro comigo. Peço esmola para os pobres – prosseguiu o reitor em voz alta, e aproximando-se da mesa – quem não daria aqui esmola para os pobres? – Amanhã continuando vós nesta vida, eu pedirei também esmola para vós. Lembrai-vos disso. (ibid.: 67-69)

Não se coíbe, pois, o padre de ser duro para com os fregueses, quando estes se desviam do reto caminho e escolhem os atalhos que os afastam de Deus.

Nesta obra aparece ainda uma outra figura eclesiástica benemérita. Trata-se de um "velho cónego"⁵, padrinho de Clara, que lhe compra toda a fruta de parca qualidade que Guida fora incumbida de vender por um preço excessivo.

Por todas as razões enunciadas, esta figura contribui para a construção de uma imagem positiva da religião. Zacarias de Oliveira (1960:108) encontrou ainda assim algumas limitações neste padre que considera sentimental e "ideal do romantismo". Este é o "padre ideal" segundo Júlio Dinis, justificado até pelas situações ocorridas no seu tempo, em que muitos filhos não primogénitos, se refugiavam no sacerdócio como garantia de segurança possibilitada apenas por este rumo. A vocação não determinava, pois, esta opção.

Mas não bastam ainda estes exemplos, há mais. Agora atenda-se à prática religiosa, vista com simpatia, dos crentes na obra *A Morgadinha dos Canaviais*. À memória emerge a imagem da tia Doroteia e da sua criada Maria de Jesus, nas suas preces diárias, à hora de chegada de Henrique de Souselas. Esta prática não merece reparo do narrador, antes uma comunhão dignificante da sua atitude bondosa (Dinis, 1999b: 21). As celebrações do Natal e do dia de Reis surgem como tradição a preservar, envoltas numa atmosfera de simpatia, por dignificarem os costumes rurais, encaixando-se no que Irwin Stern (1972) designa pela expressão "costumbrismo".

3. Os desvios

Mas analisar as obras de Júlio Dinis desta forma seria demasiado redutor, caso se limitasse a esta perspectiva, conexcionada explicitamente com a personagem pároco concebida quer por Paganino, quer por Herculano. Isto até pelo facto de esta conceção ser a que menos vezes ocorre. A maioria dos párocos opõe-se aos anteriormente referidos.

Na obra *A Morgadinha dos Canaviais*, surge um cura que, se bem que detenha menor relevo no enredo, se aproxima deste pároco da aldeia. O cura condena os enterros na igreja,

⁵ Cf. Júlio Dinis (1999a:45).

censura aqueles que defendiam tal ideia (Dinis, 1999b: 320), colocando-se ao lado de Madalena, na altura em que o povo atenta contra a sua integridade física no cemitério (ibid.: 324).

O abade aparece nesta obra, assumindo o papel de professor responsável pela educação de Augusto, em áreas tão vastas como o latim, os poetas e prosadores e a filosofia:

E daí em diante, duas vezes por semana, às quintas-feiras e domingos, franqueava légua e meia dos mais escabrosos caminhos, para ir ouvir as lições do erudito abade. Assim se aperfeiçoou na latinidade, cultivou a filosofia e adquiriu o gosto pelos nossos velhos prosadores e poetas. Vinha de lá carregado de livros para ler durante a semana. Toda a biblioteca do padre lhe passou pelas mãos. (ibid.: 78)

Ao abade cabe também cumprir os rituais católicos, ainda que não sejam estas situações as mais frequentes, nomeadamente estar junto do leito dos que têm a morte anunciada. Acontece isso com Álvaro em *As Pupilas do Senhor Reitor* e acontece com Maquelina em *O Espólio do Senhor Cipriano*. Rememore-se apenas um exemplo:

Então o padre caminhou lentamente até junto do leito, onde um feixe de luz, entrando pela porta que ficara aberta, vinha iluminar a cabeça do morto; contemplou-a por algum tempo com tristeza; depois, ergueu os olhos e as mãos para o céu, e principiou com voz pausada e clara a recitar: – *Requiem aeternam dona ei, domine! Lux perpetua luceat ei. Requiescat in pace. Amen.*

Cedendo à influência da voz, do gesto e da sincera compunção do reitor, ao recitar a oração mortuária, Daniel ajoelhou (Dinis, 1999a: 255-256).

Note-se, em contrapartida, os expedientes de que se serve a prosa dinisiana para conceber o pároco merecedor de repreensão, por parte do narrador e do leitor.

Na obra em análise, *As Pupilas do Senhor Reitor*, a figura do pároco modelo de sacerdote adquire um realce maior, pelo contraste que se estabelece com um outro pároco que ali aparece. Trata-se do Senhor Padre José, guia espiritual da beata Josefa da Graça: "Ainda esta manhã o disse ao Padre José, aquilo são tentações do demónio" (ibid.: 245); "Tentações do inimigo mau, sabem? Tentações do inimigo mau, é o que é. Não que dizem que não serve de nada confessar-se a gente a miúdo e rezar as orações dos missionários..." (ibid.: 247). A ironia atinge a prática religiosa que distorce a mensagem cristã, que valoriza a aparência em detrimento das ações concretizadoras da fraternidade e solidariedade, como valores fundamentais "O horror ao escândalo, eis o que caracteriza esta moral de Tartufo. Salvem-se as aparências, rezem-se as devoções todas, e a culpa será atenuada" (ibid.: 244).

A ironia e o humor tornam-se, deste modo, armas com especial alcance na crítica dinisiana ao clero. João Semana diverte-se e diverte os aldeãos e o reitor com as suas "graçolas" cujas figuras principais são inevitavelmente os clérigos. Os chistes de João Semana reportam-se sobretudo ao pecado da gula⁶. A conduta dos missionários que constituem "esta praga fari-

⁶ Cf. Dinis (1999a: 106).

saica" que afasta a alegria do rosto do povo é também atingida nesta obra de Júlio Dinis. As mulheres que se deixam afastar dos seus lares, atraídas por estas práticas não saem incólumes:

É triste e desconsolador o aspecto da terra, onde esta praga farisaica tem feito maiores estragos. A alegria do povo, esse reflexo da alegria das mulheres, porque das mães se reflecte nos filhos, das esposas nos maridos, das raparigas nos amantes, desaparece pouco a pouco". (ibid.: 243)

O fanatismo religioso e a intimidação cruel exercida sobre os crentes merecem, na obra *A Morgadinha dos Canaviais*, ainda reparos análogos:

Às vezes despegava daquele crivo de pecados uma das confessadas; e exausta de forças, abatida de ânimo, descrendo da misericórdia divina, ia cair com desalento nos degraus do altar do Deus, que o fanatismo cego, senão hipócrita, lhe pintara inexorável verdugo. Quando outra se não sucedia a esta, via-se rodar nos gonzos a pequena porta destes cubículos, e sair de lá um padre de batina, socos e capote de cabeção, satisfeito de si, e revendo-se naqueles corpos prostrados, naqueles gemidos surdos, naquelas lágrimas humedecendo o pavimento do templo, tristes indícios do desalento moral, com que conseguira quebrantar os ingénuos espíritos que dirigia pela intimidação cruel. (Dinis, 1999b: 247)

Henrique é porta-voz da crítica ao "terror supersticioso" de que se investe o sermão do missionário. Os efeitos sobre Ermelinda vão-se tornando paulatinamente visíveis. A atitude patenteada, diante da interpelação do ti' Zé Pereira, evidencia a ausência de caridade e bondade do missionário. O sermão do missionário surge povoado de imagens aterradoras que transformam a igreja no Santo ofício e Cristo num acusador e o destronam do altar salvífico. A conduta do missionário levanta a rebelião do povo que expulsa do templo a família do Mosteiro, apodada de herética:

– Fora do templo, pedreiros-livres, que vindes aqui escarnecer da palavra do Senhor! Fora do templo, ímpios libertinos que não respeitais os ministros de Deus, nem o seu altar! Andam lobos no povoado e vieram esconder-se entre as ovelhas na casa do Senhor! Escorraçai-os, irmãos, se não quereis que se vos pegue a lepra do pecado e que Deus arrase esta aldeia, como arrasou Gomorra e Sodoma. São esses os que trazem das cidades a peste para as aldeias; são estas as pragas que nos vêm com as estradas e com a civilização. Fugi deles, que trazem o demónio na alma! Homens sem religião, mulheres sem temor de Deus, mações, pedreiros-livres, vindes para aqui tentar as almas? Eu vos esconjuro! Eu vos requeiro! Vade-retro, Satanás, vade-retro! Vade-retro!... (ibid.: 252)

A influência funesta dos missionários acabará por determinar a atitude do Cancela que encontra a filha às portas da morte (ibid.: 267). As críticas tecidas aos missionários visam diretamente o abandono a que as mulheres votam os lares, os rituais desadequados, a sua posição contra o progresso, em consonância com os princípios absolutistas:

Era recente na aldeia o estabelecimento dessa confraria, sociedade um tanto misteriosa, por meio da qual seus interessados instituidores só visavam a dar o reino do céu aos filiados, contentando-se "apenas", em paga, com o do mundo, do qual, lembrados de antigos tempos, têm saudades já.

Os missionários, certos evangelizadores em terras onde a palavra do Evangelho não é chave que abra a porta, pela qual entraram os mártires no céu, lá andavam por aquele tempo, na aldeia onde se passa a acção desta história, plantando a vinha, que eles chamavam do Senhor; as mulheres, abandonando os lares, seguiam-nos como rebanhos; o culto católico era por eles cada vez mais arrebitado com orações absurdas e cerimónias ridículas, e o eterno anátema da ignorância contra o progresso da sociedade servia de tema predilecto aos seus bárbaros discursos. (ibid.: 83)

Recorde-se que o missionário acaba por ser responsabilizado pelo afastamento das mulheres do lar, pelo abandono da família (maridos e filhos) e dos afazeres domésticos, neles residindo, deste modo, a génese de conflitos familiares, pela conduta desmesurada das mesmas, e até pela morte de inocentes, como Ermelinda. A ignorância do povo justifica a atitude destas mulheres, destas beatas, que, ao invés de praticarem salutarmente os cultos religiosos, se submetem incondicionalmente às orientações daqueles que pretendem apenas coagi-las espiritualmente.

Uma outra personagem, imolada ao fanatismo religioso, é a esposa do ti' Zé Pereira. A ênfase e consequente deformação do seu comportamento resultam, em parte, do contraste instaurado com outras personagens. A vivência religiosa da Sr.^a Catarina do Nascimento opõe-se drasticamente à das senhoras de Alvapenha. A descrição da casa revela o ascendente dos missionários sobre a conduta desta mulher. O marido da Sr.^a Catarina é quem mais se queixa dos prejuízos decorrentes desta conduta religiosa da mulher, que o condena ao abandono e ao consumo de álcool e preside às discussões dos cônjuges:

Ora, senhores, que é forte desgraça a minha!... Diz que Deus que disse, que a mulher que era a carne da nossa carne e o osso do nosso osso... Deus devia de vez em quando tornar a dizer essas coisas... para não esquecerem... como se faz na escola com a tabuada. A minha Catrina já o não sabe, aposto... e pelos modos os padres não lhe dizem isto na igreja... pois deviam dizer!... A carne da minha carne e o osso do meu osso!... mas é carne e osso que me não fazem caldo... Ora, senhores, que é forte desgraça a minha!... Como há-de um homem, se isto assim continua, pegar na enxada para dar uma xavadela, ou fazer qualquer sachada?... (...)

– A religião, senhores – dissertava ele –, não manda tal... Isso é que não manda... A religião é a palavra de Deus... e Deus disse... Deus disse muita coisa... Disse que por este deixarás pai e mãe. Ora a santa madre igreja é mãe, é, sim, senhores; que tem lá isso? Mas não é mais mãe do que a outra mãe... e então... senhores, uma mulher não deve deixar por ela o seu marido; porque o marido, senhores, é o tudo de uma casa, e o ganha-pão da família. (ibid.: 85-87)

A ideia da punição infernal parece reger o dia desta mulher, bem como o pecado, figurando os cabelos compridos a tentação "– Ora diga, compadre, acha que é muito bem feito, da sua parte, deixar andar a rapariga com esses cabelos soltos? Não sabe que o demónio... cruze! Arma com eles laços às almas das criaturas?" (ibid.: 93). A influência desta mulher sobre a afilhada acabará por levá-la à morte, infundindo-lhe permanentemente temor e receio pela salvação da alma, julgando-se, pobre alma inocente, a maior pecadora:

Ermelinda afastou-se do lar com timidez. No ânimo daquela criança, que era de uma organização nervosa, excepcional na aldeia, exercia a beata uma espécie de fascinação, um misto de respeito e de terror, capaz de dissipar todos os risos dos seus lábios infantis. Era outra na presença da madrinha, fitava-lhe nas faces descarnadas e macilentas os belos olhos negros; seguia-lhe, quase assustada o movimento dos lábios austeramente contraídos; tremia ao escutar-lhe a voz aguda e penetrante, falando nas penas do inferno; chorava à menor repreensão, que dela recebia; e contudo amava-a, porque Ermelinda na sua candura de criança, supunha a madrinha uma santa; avultavam-lhe como virtudes beatificantes, os defeitos da devota velha; a inocente julgava-se uma grande pecadora, quando, depois de ter na mente aquele tipo, voltava a olhar para si, para o fundo da sua consciência; e que negros e hediondos pecados lá encontrava! (ibid.: 94)

Deste tipo de religião nem beneficia o indivíduo nem a sociedade, pois dela não advém qualquer evolução espiritual.

Determinadas circunstâncias propiciam o aproveitamento político de algumas questões religiosas. Um padre que discute política com o brasileiro Seabra Pereira acusa o Conselheiro de roubar as Irmandades, por ser proprietário do Mosteiro, de atentar contra o sacramento do matrimónio, por defender o casamento por civil, e de se insurgir contra a religião católica, por defender a liberdade de escolha do credo religioso (ibid.: 144).

Em síntese não se pode deixar de aceitar como verdadeira a afirmação de Maria Aparecida Santilli:

Escudado no prestígio da Igreja e do Cristianismo – de onde lhe advém a força – os missionários combatem a política liberal, taxando o próprio Conselheiro e os seus partidários, de ateus, pedreiros-livres e jacobinos; a instituição dos cemitérios converte-se, na sua palavra, em confissão de ateísmo, como as vias férreas e os telégrafos assumem a categoria de "redes do demónio", "caminhos do inferno". (Santilli, 1979:105)

Os frades surgem também em *Os Fidalgos da Casa Mourisca*⁷, com alguns destes atributos. Neste caso, Frei Januário e o Abade dos Fidalgos do Cruzeiro são os elementos do clero atingidos. Frei Januário, procurador de D. Luís, gestor da propriedade sem possuir os conhecimentos e as capacidades exigidas para o desempenho adequado das funções, contribui para a delapidação constante do património:

Faça-se justiça ao padre, que não era de má fé, nem em proveito próprio, que ele apressava, com mão poderosa, a decadência de D. Luís. Mas, homem de curtas faculdades, e de nenhum expediente financeiro, se obtinha capitais para o seu constituinte, nas crises mais apertadas, era sempre sob condições de tal natureza, que deixava de cada vez mais onerada a propriedade e mais irremediável o triste futuro dela. (Dinis, 1999c: 12)

A sua propensão para o pecado da gula não o afasta da imagem profundamente negativa que se concebe desta personagem. Veja-se a seguinte afirmação que pretende descrever

⁷ Similarmente ao processo adotado para as restantes obras citadas, também para esta se citarão apenas os números das páginas entre parênteses.

as ocupações do padre naquela casa fidalga "(...) comer e esperar com impaciência as horas da comida" (ibid.: 14):

Frei Januário era quem esperava, porque essa era também a principal ocupação dos seus dias. Os gozos do paladar mal lhe compensavam as amarguras destas longas expectativas. Eram elas talvez que não o deixavam medrar na proporção dos alimentos consumidos, porque Frei Januário era magro. O mistério fisiológico desta magreza ainda não era para se devassar de pronto. (ibid.: 38)

O frade, apoiante da facção absolutista, critica acerrimamente qualquer ideia de contornos liberais (tal como outros que surgem na receção da baronesa Gabriela (ibid.:173):

– Fartos sejam eles de estradas! – acudiu logo frei Januário. – Para esta gente a moralidade e a ventura de um país consiste em ter estradas e diligências, e acabou-se. Olhem lá se eles levantam sequer uma igreja? Isso sim! O dinheiro do clero sabem eles roubar! E que pena não terão por não deitarem abaixo os templos que por aí ainda há! Mas atrás do tempo vem. Vontade não lhes falta. (ibid.: 39)

Por isso, responsabiliza esta ideologia por todos os problemas que a nobreza atravessa, defendendo vigorosamente a estratificação social e a manutenção dos privilégios da aristocracia. Apesar de tudo, os seus defeitos são parcialmente atenuados, ao atribuir-se-lhe estritamente duas qualidades: reconhecimento pela gestão feita por Jorge e a afeição sincera por D. Luís, traduzida na vigília ao doente. Declara-se contra o casamento entre Berta e Jorge o que desperta em D. Luís o desejo inflamado de defender a ideia contrária e concomitantemente admoestar o frade (ibid.: 386).

Maria Aparecida Santilli (1979: 160) sublinha a contradição entre os privilégios defendidos pelo frade e os preceitos do cristianismo, propalando a igualdade dos homens e as virtudes da pobreza e da temperança.

Leia-se "As Apreensões de Uma Mãe" e ouvir-se-á o abade, defensor do absolutismo, hostil para com a ideia liberal, "O abade odiava os jornias políticos, como odiava todas as coisas cujo uso não se remontasse ao antigo sistema governamental, de que era, e se confessava, aferrado partidário" (Dinis, 1980: 40), opinar sobre o futuro de Tomás, a pedido da Sr.^a Margarida: "O abade, egresso do convento de Santo Tirso, jovial como uma anacreônica, gordo como o primeiro prémio de uma exposição agrícola na secção – gado suíno –, votava pela de teologia" (ibid.: 9).

Partilha ainda com Frei Januário um outro defeito – a entrega aos prazeres da comida, que em ambos os casos preferem a quantidade à qualidade. Mais uma vez a comicidade e a ironia dão as mãos para caracterizar as vítimas do "apelo do estômago", sublinhando o anticlericalismo face a estas personagens antipáticas (Cruz, 1997:45). A hostilidade apenas se aplaca, ainda que temporariamente, diante dos manjares do jantar (correspondente ao almoço citadino). Parece de facto ser um entendido em matéria gastronómica, pois, inclusivamente, envolve-se na discussão relativa às especiarias utilizadas na confeção do prato que saboreia:

– A história dos molhos – acrescentava o abade, limpando ao guardanapo os beijos besuntados – anda a par da civilização. Os heróis de Homero desconheciam o verdadeiro molho, Virgílio fala-nos de carne assada no espeto, veribusque trementia figunt; scilicet viescera, mas nunca em molhos; Anacreonte... (ibid.: 46)

Será, aliás, este vício que causará a sua morte, provocando-lhe um ataque apoplético. Este abade não tem em boa conta Lamartine, um dos escritores evocados pelo narrador, por dar expressão aos ideais liberais (ibid.: 42).

O Abade dos fidalgos do Cruzeiro foi banido pelos paroquianos. A desobediência e desafio às (das) regras, impostas pela Carta Constitucional, representadas na pessoa do regedor Clemente, é o traço destacado nesta personagem. O comportamento junto das raparigas da aldeia, designadamente com Berta (ibid.: 128), e nas tabernas não abona a seu favor, enquanto suposto exemplo da Igreja Católica. Ser intriguista é outro dos seus apanágios, patente na atitude de denúncia das visitas de Jorge a Tomé da Póvoa a Maurício, inicialmente, e a toda a família, posteriormente.

Entre os atributos que cabem ao pároco, na sua qualidade de eclesiástico, encontram-se alguns de índole administrativa. Em *Espólio do Sr. Cipriano*, caberá ao abade a decisão de atestar a pobreza de Cipriano Martins. Maquelina, assim se chamava a irmã do defunto, recorre ao pároco com o intuito de conseguir esse atestado. Logo à chegada, tem de se defrontar com o mau humor do pároco, resultante do facto de ter sido acordado da sesta, contra a sua vontade. Apesar da insistência de Maquelina, o pároco não acede aos pedidos, antes a remete ao regedor:

– E vamos a saber, quanto se herdou?

Maquelina exibiu os quatrocentos réis, que era todo o espólio em metal.

– Histórias da Maria Carocha – resmungou o abade zangado.

– É isto que digo a V. S.^a; meu irmão...

– Não me venha contar tonilhos. Diga lá o que quer?

Maquelina expôs o fim da visita.

O padre arregalou os olhos.

– Ui! Essa é de barbas! Eu hei-de atestar que você é pobre! Maquelina fez um sinal afirmativo.

– Ora, santinha, ora. E para isso fez-me acordar de um sono que... que...

– Mas, Sr. Abade, é a verdade que V. S.^a atesta senão diga-me onde me encontra a riqueza?

– Seu irmão há-de ter deixado somas fabulosas!

– Pois venha V. Rer. ma ver e dirá depois. Jesus, meu Deus, procurem, procurem, oxalá que achasses, meu Divino Pai do Céu.

– Enfim, mulher, não me meta em trabalhos; vá ter-se com o regedor, e eu, o mais que posso fazer, é confirmar lá na Junta o que ele certificar. (Dinis, 1980: 108)

Não se trata, portanto, da figura simpática e disposta a prover as necessidades das suas ovelhas.

4. Um exemplo excepcional

No caso concreto dos "Novelos da Tia Filomela" aparecem, lado a lado, as duas faces da moeda: o padre novo que acompanha de perto Filomela e divide as opiniões dos aldeões e o padre velho que a condena ao ostracismo e chega a exorcizá-la. Este padre velho escrevera algumas anotações a propósito de Filomela, descobertas pelo sucessor, que traduziam a superstição do pároco, chegando a associar a morte de crianças e animais à presença da velha mulher no pinhal:

Em Agosto de 50 veio residir para esta minha paróquia – escrevera ele – uma velha mulher que diz chamar-se Filomela – nome pouco usado de gente cristã e baptizada. Vinha miseravelmente vestida e foi viver para uma pequena casa do Pinhal. Ainda não procurou sacramentos e é de poucas falas. Logo que ela aqui chegou principiaram a morrer crianças de um modo nunca visto. Ficavam roxas e chupadinhos que fazia dó. Depois deu a mortandade nos carneiros, que caíam nos campos, como tordos. Bem se vê que a mulher é suspeita (...) Tudo faz crer ser ela bruxa refinada. Há tempos falando-lhe ouvi-lhe palavras sacrílegas. É ovelha que não espero salvar". (Dinis, 1980: 185)

O padre novo apresenta Filomela como ser a quem o infortúnio atingiu, sofrida e desprezada, muito por culpa do antigo pároco:

Decidi-me a procurar a tão falada Filomela. O que fui encontrar, procurando-a, deve supô-lo o senhor, que, pelo que vejo, mostra conhecê-la também. Uma desgraçada e nada mais. Filomela veio de longe para aqui. O motivo desta imigração foi uma desgraça que me revelou sob o sigilo da confissão. Quando chegou a esta terra, trazia a pobre mulher no coração o desespero, e nos lábios a blasfémia que o delírio lhe arrancava. (ibid.: 186)

Este jovem pároco, notando a ausência da fiel devota, procura-a em casa e encontra-a prestes a finar-se. A compaixão demonstrada diante do leito da defunta contrasta com a aparente austeridade com que trata a filha de Filomela:

O reitor, após fervorosa oração, elevou os olhos ao céu e abençoou a moribunda que na aparência se diria cadáver.

De repente, ainda meia erguida e sustentada por nós ambos, e com olhar vago, as mãos juntas e os lábios desmaiados e trémulos, ela principiou murmurando uma prece, cujas palavras não pude perceber. O reitor observava-lhe os movimentos com um gesto de compaixão e em voz baixa rezava também as orações de agonia. (...)

Estava morta.

O reitor caiu de joelhos junto daquele pobre leito, abandonado de todos. (ibid.: 190-191)

Não persiste, porém, muito tempo esta atitude. Ele foi o confessor escolhido por esta mulher e será também o eleito pela filha para tomar a seu cargo esta mesma função. Pela sua livraria se conhece o seu espírito, faminto de conhecimento abrangente, não diminuído pela religião que serve:

Junto à cabeceira do leito e ao lado do velador encontrei, ainda aberto, o *Génio do Cristianismo*. Outros livros porém, menos ortodoxos, cobriam a mesa, as cadeiras e até o pavimento. Fácil me foi descobrir a um lado o *Jocelyn*, mencionado pela cúria no *Index librorum prohibitorum*, junto dele, o *Eurico* de igual imoralidade; mais além, *Os Lusíadas* – não obstante a sua escandalosa amálgama de religiões; sobre o *Paradise Lost*, o pagão do Homero; ao lado dos *Mártires*, a *Eneida*; de envolta com a *Crónica de S. Domingos* e a *Vida do Arcebispo*, a *História dos Girondos*; a *Guerra dos Trinta Anos*, em contacto íntimo com os *Anais da Propagação da Fé*; o *Memorial de Santa Helena*, ao pé da *Imitação de Jesus Cristo*, e o teatro de Vítor Hugo, de Schiller e de Garrett, não muito longe, dos *Sermões* de Vieira, das obras de Fénelon e da *Nova Floresta* de Bernardes. (ibid.: 197-198)

Cabe-lhe ainda, após a morte de Filomela, a tarefa de distribuir os romances da “feiticeira” pelos pobres da freguesia.

Falta apenas refletir um pouco sobre os locais escolhidos para a prática de rituais religiosos. Os locais de culto povoam as diversas narrativas, sejam os contos ou os romances: a capela, onde o pároco novo diz missa só para a Tia Filomela; a capela da Senhora da Saúde, localizada numa ermida, que surge quer em “Flor de entre o Gelo”, quer em *A Morgadinha dos Canaviais*. Este é o local de romagem eleito, ao qual se associam a consecução de vários milagres. É ainda nas paredes da capela que alguns deixam expressos os seus mais profundos sentimentos e servem a marcação de encontros que se revelarão fatais, entre Valentina e o médico Jacob, ou se tornam cenário participante de um compromisso assumido, entre Cristina e Henrique na capela da quinta dos Canaviais.

Para a transmissão da ideologia religiosa implícita na obra narrativa de Júlio Dinis, contribui de forma inquestionável a presença de atitudes diametralmente opostas quer no que respeita à forma como se divulga a sagrada doutrina cristã, quer no que concerne ao modo de pôr em prática essa mensagem bíblica. As atitudes de párocos e fregueses traduzem formas diversas e antagónicas de estar e de ser no contexto da religião católica. A arte de Júlio Dinis consistiu na síntese da lição apreendida da tradição literária, proveniente de Herculano e de Rodrigo Paganino, e de um olhar, precursor, até certo ponto, do realismo, crítico conjugado com uma ironia cómica, que visa advertir o leitor e ensiná-lo, como o autor defende em tom programático em “Ideias Que Me Ocorrem”. Deste modo, muitas vezes críticas⁸ que acusam Júlio Dinis de incluir apenas personagens de boa índole na sua obra caem por terra com base nos argumentos aqui aduzidos.

Bibliografia

- BERNSTEIN, Harry (1983). *Alexandre Herculano (1810-1877): Portugal's Prime Historian and Historical Novelist*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian e Centro Cultural Português.
- DINIS, Júlio (1967). *Cartas e Esboços Literários*. Porto: Livraria Civilização.

⁸ Eça de Queirós (1890:148), em *Uma Campanha Alegre*, e Bruno Sampaio (1984:119), em *A Geração Nova*, são dois exemplos de injustiça praticada contra Júlio Dinis, no que ao assunto em causa diz respeito.

- (1980). *Serões da Província*. Vol. I e II. Porto: Livraria Civilização.
- (1999). *Uma Família Inglesa*. Porto: Livraria Civilização.
- (1999). *Os Fidalgos da Casa Mourisca*. Porto: Livraria Civilização.
- (1999). *As Pupilas do Senhor Reitor*. Porto: Livraria Civilização.
- (1999). *A Morgadinha do Canaviais*. Porto: Livraria Civilização.
- FERNANDES, Vasco (1958). "Metamorfooses de Eurico – O Padre dos Românticos e o Padre dos Modernos". *Brotéria. Cultura e Informação*, 66, 12-24.
- HERCULANO, Alexandre (1969). *O Pároco de Aldeia: o galego, vida, ditos e feitos de Lázaro Tomé*. Lisboa, Livraria Betrand.
- LEPECKI, Maria Lúcia (1979) *Romantismo e Realismo na obra de Júlio Dinis*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa da Secretaria de Estado da Cultura.
- OLIVEIRA, Zacarias de (1960). "Júlio Dinis – o Padre Sentimental". In *O Padre no Romance Português*. Lisboa: União Gráfica, 99-109.
- PAGANINO, Rodrigo (1900). *Os Contos do Tio Joaquim*. 3ªed. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.
- STERN, Irwin (1972) *Júlio Dinis e o Romance Português (1860-1870)*. Porto: Lello e Irmãos Editores.

.....

RESUMO

Pretende-se neste artigo averiguar o processo de conceção da religião na produção narrativa dinisiana, sendo para tal fundamental o confronto de atitudes opostas, quer nos guias espirituais, quer nos praticantes da doutrina cristã.

ABSTRACT

The aim of this paper is to examine the process of conception of religion in the narrative production of Julio Dinis. It is therefore essential to confront opposing attitudes, both in spiritual guides and followers of the Christian religion.

.....